

## 4º Concurso FNLIJ Leia Comigo! 2005 VENCEDORES

### Relato Real:

*PARA QUE SERVE UM SORRISO?*

Autora: Glória Radino

Assis – S.P.

O pequeno episódio que vou lhes narrar pode parecer totalmente banal, à primeira vista. Porém, serviu como agente transformador e decisivo no trabalho que realizo. Este fato aconteceu com Sofia, uma jovem estudante do curso de Psicologia que faz parte de um grupo que, diariamente, dirige-se à UTI de um hospital para contar histórias aos pacientes. Como os outros estudantes, Sofia percorre os leitos do hospital, diferentemente dos antigos contadores, que se reuniam em volta da fogueira, à noite e transmitiam histórias de geração a geração, com o objetivo de distrair e instruir seus ouvintes.

As histórias são narradas em uma Unidade de Tratamento Intensivo, que comporta oito leitos e abriga pacientes que necessitam de cuidados especiais. São pacientes de idades variadas, portadores de diversas doenças ou em recuperação pós-cirúrgica. Alguns, infelizmente não retornam. Estão ali para morrer.

Embora contar histórias seja algo extremamente prazeroso, este trabalho na UTI, em muitos momentos, torna-se árduo. Seu retorno é muito subjetivo e, como nosso objetivo é contar a todos os que ali estão, muitos pacientes encontram-se em estado de coma. Muitas vezes, não sabemos se a história contada pôde ser ouvida ou não. Em outros momentos, pedimos licença para narrar um conto, sem saber se a pessoa quer ouvi-lo. Porém, percebemos mudanças nos que escutam. Pequenos gestos, a respiração ou os batimentos cardíacos que se aceleram, ou mesmo um pequeno sorriso já é o bastante para nos dar força e retornar na próxima vez.

No primeiro dia de seu trabalho na UTI, Sofia estava muito nervosa. Era um ambiente estranho, frio, em que os funcionários mal notavam sua presença e corriam de um lado para o outro, pois suas ações têm que ser rápidas e precisas. Sofia contou histórias para alguns pacientes conscientes e também para os que se encontravam inconscientes ou em estado de coma. Diante de uma senhora inconsciente e com um tubo respiratório, sentiu-se aflita, mas mesmo assim, contou a história *Catarina Quebra-Nozes*, de Joseph Jacobs (apud Tatar, 2004)<sup>2</sup>. História de emoção e suspense em que a heroína tem o desafio de cuidar de um príncipe muito doente, à beira da morte, porque ninguém conseguia descobrir o seu mal. O desafio também era mortal, pois muitos que velaram durante a noite desapareciam. História de aventuras, em que o príncipe levanta-se e parte para o encantamento e a realização de desejos. Entregue aos prazeres no baile das fadas, o príncipe retorna exaurido. Catarina enfrenta sua missão quebrando os feitiços e devolvendo a saúde ao príncipe. Sofia conta essa história à senhora que, como o príncipe de sua narração, encontra-se muito mal, inconsciente e, quem sabe, à espera de sua morte. Sua grande aflição era não saber se a história contada, com tanto amor, fora ouvida ou não.

Olhava para o corpo diante de si, impregnada pelos sons estranhos que ecoavam das máquinas presentes na UTI. Não via ninguém. Sentiu-se contagiada pelo olhar daqueles que trabalham no local e via um cadáver sob o signo da preservação da vida. Ficava dividida e não sabia se olhava para o que um dia fora uma mulher, ou para a máquina ao seu lado. Corpo feminino que perdeu sua sexualidade e despersonalizou-se. Corpo asséptico que se misturou aos odores semelhantes a desinfetantes que exalam do ambiente. Irreconhecível aos seus familiares, não possuía mais nome, nem desejo, apenas registros transmitidos por monitores que revelavam os batimentos cardíacos, a pressão arterial e a frequência respiratória. Eram sinais de que ali ainda havia vida.

O que Sofia não sabia era que, no momento em que contava história para aquela paciente, era observada. Um grupo de jovens estudantes do Curso de Enfermagem, que fazia estágio no local, começou a admirar aquela estranha cena. Algo inédito que não pudera ser visto em nenhum livro de Medicina até então. Para eles, era uma pequena menina, a Sofia, que sentava ao lado de uma pessoa em estado de coma, quase morta, voltava-se para ela e lhe contava uma história. História bonita, com suspense e emoção. No desenrolar da narrativa, as estudantes não conseguiam desgrudar seus olhos daquela cena e começaram a perceber uma pequena transformação naquela paciente, até então totalmente amorfa. Viram seu rosto mudar. Algumas contrações musculares sugeriam-lhes um sorriso. *Mas, será que aquilo é um sorriso?* – perguntavam-se. Um pouco atônitas, questionavam se aquele insignificante gesto corporal seria um só riso.

Foram embora com essa dúvida. Em classe, discutiram muito entre elas o ocorrido. A discussão girava sobre a expressão do rosto da paciente e se aquilo era um sorriso. Sem dúvidas, no final da discussão, concluíram que aquilo fora um sorriso. Nunca saberemos se a paciente sorriu, mas aquela indagação mudou definitivamente a formação daquelas estudantes, caso um dia retornem à UTI.

Embora árduo, o trabalho de Sofia foi transformador. De um corpo semimorto, frio e amorfo, pôde brotar vida. Uma história narrada serviu para aquecer corpos e fazer nascer uma alma. A história de Sofia provocou um desvio de olhar, da máquina para o rosto. Não importa mais se a paciente sorriu ou não, aquilo era um sorriso. Afinal, quem define o que é um sorriso? Quem contrai o rosto ou quem assiste? Quem vê o primeiro sorriso de um bebê, senão sua mãe?

Continuaremos a contar histórias na UTI. A voz, o olhar, as mãos, como pudemos mostrar, tornaram a história mágica, com o poder de transformar uma realidade. Não buscamos sorrisos, mas um novo olhar para o ser humano que perdeu sua alma. O corpo biológico/coisa pôde tornar-se um corpo sexuado, que fez nascer uma outra história e um sujeito. Somos nutridos pela memória da humanidade, infância perdida, que se resgata na metáfora recriada, a cada história narrada. Histórias que perduram por séculos, para que possamos reencontrar o mito e o mistério da vida e da morte.

*Tendo rido Deus, nasceram os sete deuses que governam o mundo. (...) Quando ele gargalhou, fez-se a luz (...). Ele gargalhou pela segunda vez: tudo era água. Na terceira gargalhada, apareceu Hermes; na quarta, a geração; na quinta, o destino; na sexta, o tempo. Depois, pouco antes do sétimo riso, Deus*

*inspira profundamente, mas ele ri tanto que chora, e de suas lágrimas nasce a alma.* (Anônimo. Apud Minois, 2003, p. 21)3.

### **Relato Ficcional:**

*LINHA, A LINHA, YOLANDA ENTRELAÇA*

Autor: Peter O'Sagae

Paulo – S.P.

De sua voz, a janela fora aberta ao toque. Eu ainda estava à beira do texto quando sobressaltei num espanto. Jamais experimentara a velha vertigem de quem se deixa inesperadamente arremessar a novos espaços, sempre incertos e tão extensos para o exato exame de seus limites: que assim fosse, do papel passei olhos para a paisagem que começava elevar-se por entre letras e intervalos brancos. Desgarrei o livro e mirei atenção naquele vazio das coisas que ela contava e preenchia.

*Houve um tempo, escutei apenas, em que minha janela se abria...* E um chalé despontou diante e mal clareado. No alto do teto, um ovo azul, de louça e grande, num equilíbrio de quase se quebrar. Pois era então sobre o ovo bem arranjado que um costumeiro pombo branco pousava. Desejei pensar perguntas de menino descrente, mas Yolanda linha a linha seguia.

*- Ora, nos dias límpidos, quando o céu ficava da mesma cor do ovo de louça, o pombo parecia pousado no ar.*

*Eu era criança, e achei essa ilusão maravilhosa.*

Recordo como se o pintor de assombramentos, o monsenhor Magrite, novamente se achegasse dos bancos escolares pintando à nitidez da fantasia um sonho de olhos acordados. Afinal, também ele fora criança e escaparia por alguma janela de sua antiga sala de aula, sem atinar que, de quando em vez, pudesse voltar com o enigmático cachimbo que paira no ar. Ou que fizesse igualar céu e ovo de louça para a alegria de ver um invisível pouso de pássaro. Certo que é, naquele tempo, não filosofava idéias. Da admiração, resultou outra sorte de sumiço, e já não podia sentir-me completamente feliz como Cecília acabara de confessar: Yolanda seguia... Alheio, fiquei sem acompanhar de perto o que deveria emergir através do segundo parágrafo. Realmente perdi partes do texto, durante anos, na troca por uma imagem única.

Yolanda lia textos com grande intimidade. E os alunos notavam. Professoras de até então outras pareceram ditar frases sem música, sem sombra ou imagem, sem rumo das idéias. Os textos têm pois um andamento lá escondido, quase secreto. No tanto mais de seis anos, a escola ensinou a repetir tal qual cada ponto final soando solavanco. Ai de nós, na vista temida de Teresa Brava, não déssemos aquela entonação virada à derrapagem em uma pergunta. E a exclamação, dias longe de cedo que aprendêramos exagerar, nunca exclamou Cristina Marcha Lenta. Sem dar por nós, dormíamos.

Linha a linha, Yolanda fazia de todo texto tecido contrário, rico em detalhes. Que saltasse uma vírgula aqui outra ali, talvez fosse, na função de fazer falar o texto. Contava com estilo, quem ensinou, tanto confundia sua voz na voz do autor. E alterava compassos, e lembro hoje e ouço bem as pausas. Dava justiça ao tempo entre as palavras, como se pudesse separa-las à mão sem desenredar a história.

Houve uma vez em que a janela de nossas leituras se abriu para um intacto mulungu coberto de arribações nos ramos da literatura de Graciliano.

Deixando atrás a porteira que um título apresenta, sobre-andávamos o chão seco do texto na cata de alguma palavra mais conhecida. Yolanda não tresvariava, colhia impressões da dificuldade entre os alunos, *provavelmente o sertão ia pegar fogo*. Quando a descoberta da árvore se fez, demos a entender que ali plantada arrancharia bandos de penas e bicos.

– Essas excomungadas levam o resto da água: querem é matar nosso gado!

Sinhá Vitória falaria assim e, imediatamente, franzi a testa. Porque desfeito e refeito em cerzidos ziguezagues da leitura de Yolanda, o texto duplicou adentro seu espaço para aconchegar o leitor com a áspera beleza de suas frases. No entanto, a idéia de céu limpo tolhia-me os olhos naquela claridade de mau agouro. Cabisbaixei e vi apenas correr a sombra das arribações na face tosca da terra. *Espiei os quatro cantos, uns minutos voltado para o norte, coçando o queixo.*

Como era que Yolanda tinha dito? O feito dela tornava ao espírito de Fabiano que éramos e logo a significação aparecia. Matutando, a gente via que a leitura era assim, mesmo que o texto nos largasse tiradas embaraçosas. Percebi o que ela queria dizer, ri encantado com a aprendizagem. *Àquela hora o mulungu do bebedouro, sem folhas e sem flores, uma garrancharia pelada, enfeitava-se de penas.*

Por que é preciso aprender a olhar, a professora da professora abriu uma janela para ela com a vertigem do texto próprio de Guimarães. Eram lições de Dona Nilce com a palavra côncava dos sentidos. E procurei, partindo do Urubuquaquá até o Pinhém, a entremanhã rendada linha a linha que Yolanda lia, anos antes. Motivo que leitura não se faz por procuração, fosse a vida em idêntico rumo, onde se esconde não logro, logo suspeito o *recanto limpo e fundo, entre desbarrancados, tão sumido que parecia a gente estar vendo ali em sonho.*

Tão essenciais, as pausas de Yolanda eram surpreendentes, quando espontâneas. Emprestavam o tom inesperado às frases banais, expunham fácil o intrincado palavra a palavra. E bem lembro e ouço as pausas, a voz nunca sem qualquer quê extravagante. *De costume tinha os gestos demorados e as atitudes tranqüilas.* Oscilava pouco o corpo, durante a leitura. Vezes eu via: ela pegava um pássaro invisível entre o polegar e o dedo indicador, os três demais abertos em asa. Marcava a cadência no desenho de um oito pelo ar, enumerava os compassos em dois pequenos saltos breves e imaginários. E muito só.

Nossas aulas eram na parte da manhã, o que não impedia o tempo de toldar-se outro. À luz rara de um candeeiro, líamos um conto machadiano. Contava eu treze anos, e então me inteirava hóspede na casa assombrada de certo escrivão Meneses, no Rio de Janeiro, de uma antiga noite de Natal. Logo, vi assomar à porta do texto o vulto de Yolanda.

– *Os olhos dela não eram bem negros, mas escuros; o nariz, seco e longo, um tantinho curvo, dava-lhe ao rosto um ar interrogativo.*

Assim era ela. Quando em quando, Yolanda deitava olhos numa entrelinha fora do conto para adivinhar a reação dos alunos. Creio que deu por mim embebido na sua pessoa. Ela talvez soubesse, noutras leituras, que acabava uma narração ou uma explicação, eu inventava uma pergunta só para ouvir-lhe a palavra. Discreta, seguia o fluxo do conto. *E não saía daquela posição, que me enchia de gosto...*

Yolanda entrelaçou significados para toda minha vida. Calma, ela seguia o texto... irrompi à janela aberta por sobre um *terreiro, onde uma vasta mangueira alargava sua copa redonda. À sombra da árvore, numa esteira, passava quase todo dia sentada uma mulher, cercada de crianças. E contava histórias.* Ao desmanchar a primeira imagem, contornei a palavra *arabesco* nos seus volteios de rabiscos, rama e aragem. Daí que a literatura à leitura da voz começava soar eterno esboço, o texto recompondo-se linha a linha em garatujas de outra qualidade e bem querer.

## **Menção Honrosa:**

### **Relato Real**

#### ***O PROJETO LUZ & AUTOR EM BRAILLE***

Autora: Dinorá Couto Cançado

Distrito Federal – DF

Atuando como coordenadora de bibliotecas escolares, tive o privilégio de participar ativamente da inauguração da Biblioteca Braille Dorina Nowill, em 1995, aposentando-me, alguns meses depois. A partir dessa data, passei a ser voluntária nessa biblioteca, idealizando, a seguir, um projeto que a dinamizasse, tornando-a conhecida por todos os deficientes visuais. Surgiu, então, o Projeto Luz & Autor em Braille, que tem como objetivo geral o estímulo à leitura, por meio da integração dos deficientes visuais e escritores brasileiros, promovendo sua socialização. O incentivo à leitura, à criatividade, à produção literária, à participação em eventos e, ainda, o estímulo à integração com alunos regulares são algumas das ações desenvolvidas no decorrer da realização do projeto, ao longo de cada ano letivo.

Livros de escritores brasileiros e textos de jornais foram transcritos para a linguagem Braille, servindo de inspiração para que o leitor, deficiente visual, criasse a sua obra. Iniciamos com 17 escritores, correspondendo, a cada um, um leitor. O número foi crescendo a cada ano e, hoje, contamos com 58 escritores e 83 deficientes visuais – ambos Autores em Braille.

A Língua Portuguesa foi a área mais trabalhada, mas foi possível uma aprendizagem interdisciplinar, dependendo da obra transcrita e da produção literária criada pelo deficiente visual. Muitos temas transversais foram abordados e discutidos, principalmente quanto à saúde e ao meio ambiente, surgindo textos exemplares sobre esses assuntos, produzidos por esses leitores especiais.

O projeto teve início a cada ano, quando avaliávamos o que passava e concluíamos que valia a pena dar continuidade, apesar dos momentos difíceis. Tanto os recursos humanos quanto os materiais foram escassos. A coordenadora da biblioteca e mais três deficientes visuais, que lá trabalham, fizeram um trabalho de amor, de doação, de resgate à auto-estima, conquistando o leitor para a escolha da obra e de seu escritor-patrono para o ano. Por meio de visitas à casa do leitor, telefonemas e reuniões na biblioteca, o futuro Autor em Braille foi produzindo o seu texto esperando, ansioso, pelo dia de conhecer o escritor que foi luz para a sua produção literária.

Na semana da biblioteca (23 a 29 de outubro), acontecia o grande encontro: escritores e deficientes visuais se conheciam num evento emocionante e imperdível. Números artísticos eram apresentados, produções literárias eram apreciadas em exposição e o momento de socialização se fortalecia, dando prosseguimento a amizades, ao som da música “Amigos para sempre”, sempre tocada por um deficiente visual – coordenador da Banda sem Limites – banda esta, criada a partir de um outro grupo musical, nascido no Projeto – o Grupo “De bem com a vida”.

Depois de vários anos de realização desse trabalho e de reportagens publicadas em jornais sobre os eventos literários e apontando nossas necessidades, ganhamos um computador e a tão sonhada impressora Braille. Com esses recursos, o trabalho tornou-se mais fácil e pudemos fazer uso da tecnologia da informação: dicas de português publicadas no Correio Braziliense, e distribuídas aos leitores por ocasião da criação de seus textos resultaram na implantação de uma hemeroteca eletrônica. O envio das dicas era feito pela autora das mesmas, Dad Squarisi. Por meio de um programa especial no computador, as dicas eram ouvidas pelos deficientes visuais.

Livros infantis, de contos, crônicas, poemas, trechos de romances de 58 escritores, acrescidos de artigos de jornais, fizeram parte da bibliografia utilizada no Projeto. Outros livros em Braille compõem o acervo da biblioteca, que é consultado pelos usuários especiais em atividades de pesquisas, reforço, lazer, cultura, aprendizagem. A literatura está bem presente nesta biblioteca, com outros voluntários participando de uma Jornada de Leituras, ação recentemente implantada. Hoje a Biblioteca se “desloca” para onde tem leituras. O espaço ficou pequeno demais, lutamos por um maior. Na Feira de Livros ou em escolas e bibliotecas, onde se desenvolvem projetos de leitura e os deficientes visuais tomam conhecimento ou são convidados, lá estão eles. Participam ativamente, apresentam teatro, música, poesia, relacionados à literatura trabalhada nos projetos. É a tão sonhada educação inclusiva, acontecendo de uma forma lúdica, prazerosa, exemplar...

Os resultados obtidos foram visíveis, desde o seu 1º ano de lançamento, conforme narração feita no livro Revolucionando Bibliotecas, com depoimentos de vários participantes. Reportagens publicadas, após cada evento realizado, dão uma visão geral dos aspectos positivos alcançados, destacando-se: melhoria nas produções literárias de cada deficiente visual, criatividade para outras produções artísticas (música, teatro, artes visuais), interesse por cursos, estudos e eventos, círculo de amizades mais abrangente, relacionamentos afetivos, resultando em casamentos, oportunidades de emprego, viagens, convívio com alunos do ensino regular, melhoria da qualidade de vida.

O coroamento de todas as conquistas resultou na publicação de uma coletânea intitulada “Revelando Autores em Braille”. Organizamos o livro que, além de divulgar todos os escritores brasilienses participantes, nos oferece uma lição de vida, com uma publicação literária de cada deficiente visual. As produções são divididas em 6 grandes temas, agrupadas em histórias de vida, sentimentos, natureza ou temas sociais, mostrando a realidade vivida por cada portador de necessidade visual. Temas infantis ou textos que falam de Brasília/Brasil enriquecem também essa coletânea.

São crianças, jovens, adultos e até idosos, num total de 83 “Autores em Braille” (2 já faleceram), muitos estudando em escolas do sistema educacional, vivendo a educação inclusiva. Na Biblioteca Braille, a prática da inclusão

acontece desde 1995, ano de sua inauguração, com os participantes da biblioteca convivendo com os alunos regulares da escola (E.C.06), onde a mesma funciona, como também recebendo visitas de turmas de outras escolas da cidade. O grande facilitador dessa prática inclusiva, não só de escola, mas de toda a comunidade brasiliense, foi o desenvolvimento do Projeto Luz & Autor em Braille, integrando os escritores com seus leitores especiais, promovendo sua socialização. O projeto está bem vivo na Biblioteca, com um pôster bem grande, no local de mais destaque. Nossa ação, atualmente, é a luta para a confecção do livro editado do projeto para a transcrição em Braille, sonho dos 83 deficientes visuais, para que eles possam ler a sua obra e a de seus companheiros. Outra atividade, na qual a leitura está presente entre os adultos, é a alfabetização Braille, ministrada por duas deficientes visuais. Um exemplo recente é o de um senhor que, após alguns meses de aulas Braille já ensinou aos dois filhos jovens tudo o que aprendeu na biblioteca.

Vários fatos gratificantes já aconteceram, ao longo dos anos de desenvolvimento desse projeto, e um deles foi ter levado essa experiência em Congresso Mundial de Pedagogia (Cuba), com pôster que descreve e ilustra com fotos o Projeto, assim sintetizado:

Uma lição de integração

Uma lição musical

Uma lição de trabalho compartilhado

Uma lição de reconhecimento

Uma lição de amor, parceria e solidariedade

Uma lição de esforços, doações, voluntariado

Uma lição educacional

Uma lição cultural

Uma lição social

Uma **LIÇÃO de VIDA!**